

**PRAGMÁTICA, LINGUAGEM E FILOSOFIA**

*Maria Lucia Mexias Simon (USS/CiFEFiL)*  
[mmexiassimon@yahoo.com.br](mailto:mmexiassimon@yahoo.com.br)

A gramática tradicional, até alguns anos, apresentava-se dividida em três partes: fonética, morfologia e sintaxe. Em todas essas partes, havia descrição e prescrição/proscrição. Os trabalhos de produção visavam mais à fixação das regras prescritivas e proscritivas, dando-se pouca importância à criatividade, à originalidade, a não ser em casos especiais, como concursos e similares.

Essa tríplice divisão era apresentada desde as séries iniciais, quando se falava em vogais, consoantes, “formação de feminino”, palavra derivada, concordância de verbo e sujeito etc.

Os termos fonética, morfologia e sintaxe eram apresentados quase apenas como títulos de capítulo do livro de gramática, e, quando observados, tidos como facetas apenas da língua portuguesa, ou como disciplinas específicas dessa língua, já que, em geral, não se registravam, formalmente, nas aulas de língua estrangeira.

Com a maior popularidade da linguística, nos cursos de letras, conscientizou-se ter a linguagem humana duas articulações: aquela dos elementos fônicos em si, não se considerando seu significado e a articulação superior, em que se relacionam os elementos significativos - os signos linguísticos. Sendo um signo a soma de uma percepção sonora, visual, ou mesmo tátil a um significado constante, reconhecível por uma comunidade, são signos linguísticos os sons da linguagem humana, representados visualmente, ou não, associados a seu significado. Evidentemente, os homens, desde a Antiguidade sempre se preocuparam com o fenômeno ‘linguagem humana’, trazendo a linguística com suas diversas teorias, luz sobre aspectos até então esparsos, não só pela gramática, como pela história, pela literatura, pela antropologia, pela filosofia e, até, pela teologia.

Estamos falando em sons (fonética), reunidos de forma a representar um elemento do mundo exterior, com suas variantes de número, gênero, tempo, aspecto etc., (morfologia) e as diversas combinações dessas representações (sintaxe). Como dissemos, o aluno do curso médio e mesmo do curso superior de letras não tem, por vezes, claramente, o objetivo de cada um desses aspectos, já que, na prática, são inseparáveis.

Se o aparelho fonador emite sons vazios de significado convencional, esses sons não são fonemas, serão balbucios, gritos, podem atuar, mas não tem divisibilidade na articulação, nem propósito claro e definido.

A medida em que os sons orais foram sendo apoderados por uma comunidade, que lhes dá significado constante (se esse significado é arbitrário ou não, é outra discussão), com um propósito permanente, tornam-se, esses sons, traço cultural dessa comunidade, sua fonologia, com suas variantes *fonéticas*.

Alguns povos, por medida de economia, adotaram certos símbolos linguísticos, acrescentando, ou retirando, ou redobrando elementos, em situações diversas de número, gênero (para os seres, as visões estáticas), a pessoa que fala ou a que ouve, tempo, aspecto, realidade, ou possibilidade, (para as ações, visões dinâmicas), dando-lhes uma forma, uma *morfologia*. Fez-se também combinar tais elementos entre si, dando-lhes uma hierarquia e um ordenamento, uma *sintaxe* (do grego “colocação”).

Evidentemente, na prática, tais processos ocorrem simultaneamente, sem que os falantes tenham deles consciência, o que leva a crer ser “coisa para decorar para a prova de português e logo esquecer”. A parte que trata da sintaxe é tida como a mais pesada, pois engloba a famosa ‘análise sintática’ cobrada em concursos, nos seus meandros, sem que se, ao menos, se diga o porquê de sua denominação e que se reflita que só se pode fazer análise daquilo de que já se fez síntese. Isto é, só se pode analisar uma síntese, sendo a análise o seu processo inverso.

Como já foi dito, os mestres de língua cuidavam principalmente das prescrições/proscrições, por vezes descrições, dos fatos linguísticos, do falar ‘certo’ ou falar ‘errado’ com poucos olhares às variantes temporais e geográficas, ficando as variantes estilísticas por conta da literatura. O que se afastasse da norma-padrão era ‘erro’ marcando o falante como inculto.

O ensino produtivo da língua era uma questão de estilo, de gosto e de hierarquia social, nas formas de relacionamento.

Tem-se, então, um construto em que, partindo de sons simples (fonemas), relacionam-se esses sons de forma convencional e constante a um significado, em elementos mais complexos, com ou sem flexões de nomes e de verbos, numa dada sequência possível, da maneira a mais eficaz, chegando à composição de obras de arte. Muito se caminhou nos últimos milhares de anos.

Pergunta-se, desde sempre e, mais recentemente, numa visão que se quer científica: Para quê? Se formos à primeira página do livro sagrado dos hebreus e dos cristãos, encontramos: “Deus disse: Faça-se a luz! E a luz foi feita”. Tudo teria começado por um ato de fala, daí e por outros aspectos, sempre esteve a teologia, como outras ciências, interessada em tecer considerações sobre a linguagem humana. Fala-se sempre para alguma finalidade.

Resumindo: os fonemas (2ª. articulação) se relacionam, compõem os morfemas (1ª. articulação, nem sempre com significado isolado). Os morfemas, com significado próprio, ou não, alinham-se, relacionam-se, formando a cadeia sintagmática, a sintaxe, todo esse arranjo segundo parâmetros tidos como os únicos possíveis, dentro do que se tem como ‘correto’. Os ditos estudos linguísticos, alargaram-se e, de prescrições/proscrições, estenderam-se sobre o estudo da relação do signo com seu significado e da relação de todo o edifício da linguagem humana com seus usuários, da relação dos atos de fala com sua validade.

O significado dos atos de fala vai além da soma de seus componentes. Cada elemento pode ser significativo e o conjunto não o ser.

**Pedro Álvares Cabral chegou às terras brasileiras a 22 de abril de 1500.**

**A 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral chegou às terras brasileiras.**

**Chegou às terras brasileiras, a 22 de abril de 1500, Pedro Álvares Cabral.**

**\*Brasil, Pedro Álvares Cabral, terras de 1500 chegou às 22 de abril a.**

Abstraindo-se a pontuação a ser usada na forma escrita, observa-se serem os elementos formadores dos sintagmas acima dotados de significado invariável, isto é, o significado não se muda com a mudança de posição. Porém há uma gradação no grau de eficácia dos conjuntos. O primeiro seria o dito ‘normal’. O segundo, um tanto mais elaborado, ganhou ares de linguagem literária. O terceiro requer atenção, não é tão acessível aos neofalantes da língua portuguesa, há um risco de não funcionar, de não ser eficaz. O quarto conjunto é impossível, rompe os padrões, não é, de forma alguma eficaz, não significa, embora seus componentes sejam significativos.

Ocorre, também, eficácia, porém desigual, quando a troca de posição dos termos produz o efeito contrário:

**O carro chocou-se contra a moto.**

**A moto chocou-se contra o carro.**

São os mesmos elementos, o fato é outro, pela mudança de disposição dos elementos.

O estudo da relação dos signos, isolados e em conjunto, com seus significados constitui a semântica, incluindo sinônimos, antônimos, linguagem figurada, gíria, expressões regionais, grupais etc.

Se o estudo dos significados dos atos de fala, tornam-se cada vez mais complexos, sua relação com os seus usuários nas diversas situações torna-se cada vez mais diversificada, quanto mais diversificado se torna o *jogo* das relações humanas, criando um ramo de estudo que lhe é próprio – a pragmática.

Voltando ao livro de estudo de língua portuguesa, há quem chame “gramática” apenas a parte que trata da morfologia e da sintaxe, sendo a fonética/fonologia, a semântica, a pragmática, incontidas, fugazes, por demais sujeitas a variações sócio-espaço-temporais. Assim, entraríamos em outra discussão, que aqui não cabe.

Na observação da relação da linguagem com seus usuários, nos atos de fala, temos a considerar, primeiramente:

– Para que se usam?

1. Para registrar uma situação (falsa ou verdadeira) - descritivos, ou constatativos:  
**“A porta está aberta”** (esteja ou não)

2. Para mudar ou desejar mudar uma situação (com sucesso ou não) – performativos:

– **“Eu os declaro marido e mulher”.**

– **“Está aberta a sessão”.**

– **“Certifico estar o requerente em perfeita saúde”.**

3. Para assumir um compromisso - promissivos,

– **Prometo (juro, garanto) que vou lhe pagar amanhã – pode ser, também, uma ameaça.**

1. Para demarcar situações sociais - comportamentais:

– **Felicito..., Cumprimento... Saúdo....**

2. Para fazer cumprir seus poderes – exercitativos:

**– Nomeio.... Demito.... Cancelo.... Determino....**

Essa classificação pode ser melhor estendida, por meio de exemplos; pode haver maior ou menor sucesso na consecução dos objetivos, dependendo de circunstâncias como:

## 4. Intencionalidade,

A intenção do falante deve estar clara e de acordo com o papel que o falante desempenha. Um leigo não pode ter intenção de oferecer medicamentos controlados.

## 5. Aceitabilidade,

Quem emite o ato de fala deve desfrutar do reconhecimento do ouvinte. Se emite juízos religiosos, deve ter autoridade e conhecimento para isso, reconhecidos pelo auditório. O mesmo para atos jurídicos e científicos.

## 6. Informatividade

O texto produzido também deverá ser compatível com a expectativa do receptor em colocar-se diante de um texto coerente, coeso, útil e relevante. O contrato de cooperação estabelecido pelo produtor e pelo receptor permite que a comunicação apresente lacunas de quantidade e de qualidade, sem que haja vazios comunicativos. Isso se dá porque o receptor esforça-se em compreender os textos produzidos. O falante deve ser coerente, as falas pertinentes, nem mais nem menos do que espera e do que cabe na situação.

## 7. Situacionalidade

É a adequação do texto a uma situação comunicativa, ao contexto. A linguagem usada deve estar de acordo com a maior ou menor formalidade da situação. É importante notar que a situação comunicativa interfere na produção do texto, assim como este tem reflexos sobre toda a situação, já que o texto não é um simples espelho do mundo real. O homem serve de mediador, com suas crenças e idéias, recriando a situação. O mesmo objeto é descrito por duas pessoas distintamente, pois elas o encaram de modo diverso.

Em alguns casos, tais recomendações podem ser escamoteadas e há casos em que devem ser escamoteadas. Isso ocorre em situações de insinuação e de ironia. Quando, por exemplo, um amigo diz a outro: \_ Dizem que tal filme é muito bom... Hoje não há outra coisa a fazer... Ou quando uma senhorita pede uma carta de recomendação como telefonista e a recebe enaltecendo seus dotes físicos.

Muitos linguistas têm se preocupado em desenvolver cada um dos fatores citados, ressaltando sua importância na construção dos textos. Foi a observação dos fatores aqui brevemente mencionados que fez, dos sons inarticulados, o percurso até os atos de fala.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CABRAL, Leonor, S. *Introdução à linguística*. Rio de Janeiro: Globo, 1988.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich; CIVITA, Victor (Ed.). *A fenomenologia do espírito; estética: a idéia e o ideal; estética: o belo artístico e o ideal; introdução à história da filosofia*. São Paulo: Abril Cultural, 1974. (Os pensadores, nº 30)

SEARLE, John R. *Os actos de fala: um ensaio de filosofia da linguagem*. Coimbra: Almedina, 1981.

WITTGENSTEIN, Ludwig; CIVITA, Victor. *Investigações filosóficas*. São Paulo: Abril Cultural, 1975. (Os pensadores, nº 46)

